

A REPRESENTAÇÃO DO PERSONAGEM LGBTQIAP+ NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA INFANTOJUVENIL: ANÁLISE DA OBRA “ARLINDO”, DE ILUSTRALU

La representación del personaje lgbtqiap+ en la literatura infantil y juvenil contemporánea: análisis de la obra “Arlindo”, de Ilustralu

Pablo Natan de Mello¹

¹Graduado pelo Curso de Pedagogia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões de Erechim - RS, pablomello21@gmail.com

Data do recebimento: 05/03/2025 - Data do aceite: 22/04/2025

RESUMO: O artigo analisa a representação de homens gays na literatura infantil e juvenil contemporânea, com foco no livro *Arlindo*, de Ilustralu. A pesquisa aborda a importância da diversidade na formação de valores de aceitação e inclusão, destacando o impacto positivo de personagens gays masculinos autênticos. A análise contextualiza a evolução das representações ao longo das décadas, contrastando estereótipos com inovações na construção de personagens complexos. O estudo também reflete sobre o impacto dessa representação para os leitores, promovendo empatia e desconstrução de preconceitos.

Palavras-chave: Diversidade. Inclusão. Literatura. Representação.

RESUMEN: El artículo analiza la representación de hombres gays en la literatura infantil y juvenil contemporánea, con enfoque en el libro *Arlindo*, de Ilustralu. La investigación aborda la importancia de la diversidad en la formación de valores de aceptación e inclusión, destacando el impacto positivo de personajes gays masculinos auténticos. El análisis contextualiza la evolución de estas representaciones a lo largo de las décadas, contrastando estereotipos con innovaciones en la construcción de personajes complejos.

El estudio también reflexiona sobre el impacto de esta representación en los lectores, promoviendo la empatía y la desconstrucción de prejuicios.

Palabras-clave: Diversidad. Inclusión. Literatura. Representación.

Introdução

A literatura infantojuvenil tem evoluído para incluir maior diversidade e representatividade, contribuindo para a formação de valores e aceitação da diversidade. No entanto, a presença de personagens LGBTQIAP⁺, especialmente homens gays, ainda enfrenta barreiras culturais, editoriais e sociais. A predominância da heteronormatividade gera resistência e marginaliza identidades não normativas (Brighenti, 2019).

Embora a inclusão tenha avançado, desafios persistem para garantir representações autênticas e multifacetadas. A literatura contemporânea pode desafiar estereótipos e promover empatia, tornando-se uma ferramenta essencial para a construção de uma sociedade mais inclusiva. Como destaca Nikolajeva (2010), a literatura infantil não apenas entretém, mas também molda valores, promovendo aceitação e respeito.

Autores contemporâneos buscam retratar a diversidade de forma mais complexa, explorando a interseccionalidade entre sexualidade, cultura e relações sociais. Escritores como Juliano Garcia Pessanha, Amara Moira, João Silvério Trevisan e Conceição Evaristo, por exemplo, trazem em suas obras personagens e narrativas que refletem múltiplas camadas de identidade. Amara Moira, em sua escrita autobiográfica e ensaística, aborda questões de gênero e vivências trans com profundidade e coragem. Conceição Evaristo, por meio de sua escrita marcada pela perspectiva da mulher negra, escancara as intersecções entre raça, classe e gênero.

Já João Silvério Trevisan discute a homossexualidade em diálogo com a religiosidade e os conflitos sociais, enquanto Juliano Garcia Pessanha mergulha em existencialismos e rupturas identitárias. Essa abordagem desestabiliza normas impostas e cria espaços de resistência e emancipação (Foucault, 1988).

A literatura contemporânea tem se mostrado um espaço cada vez mais aberto à diversidade, explorando temas ligados à identidade, sexualidade, cultura e relações sociais por meio de narrativas que dialogam com a realidade de diferentes leitores. Nesse contexto, destaca-se a obra *Arlindo*, de Ilustralu, que será analisada neste trabalho como exemplo significativo da representação LGBTQIAP⁺ na literatura infantojuvenil brasileira. A análise focará na trajetória do protagonista — um jovem gay do interior do Brasil — e nos temas de pertencimento, autodescoberta e aceitação que permeiam a narrativa. Ao examinar os elementos textuais e visuais da obra, busca-se evidenciar como *Arlindo* contribui para a normalização de vivências LGBTQIAP⁺ e para o fortalecimento da literatura enquanto espaço de resistência, empatia e empoderamento juvenil.

A presente pesquisa adota uma abordagem **qualitativa** fundamentada na **análise** da obra *Arlindo*, de Ilustralu (2020), e em referenciais teóricos sobre representatividade, diversidade e interseccionalidade na literatura infantojuvenil. Para alcançar os objetivos propostos, utilizam-se os seguintes procedimentos metodológicos: uma **revisão bibliográfica** que abrange produções acadêmicas e obras teóricas essenciais para o entendimento da representação LGBTQIAP⁺ na literatura infantojuvenil. Para Andrade (2010, p. 25):

A pesquisa bibliográfica é habilidade fundamental nos cursos de graduação, uma vez que constitui o primeiro passo para todas as atividades acadêmicas. Uma pesquisa de laboratório ou de campo implica, necessariamente, a pesquisa bibliográfica preliminar. Seminários, painéis, debates, resumos críticos, monográficas não dispensam a pesquisa bibliográfica. Ela é obrigatória nas pesquisas exploratórias, na delimitação do tema de um trabalho ou pesquisa, no desenvolvimento do assunto, nas citações, na apresentação das conclusões. Portanto, se é verdade que nem todos os alunos realizarão pesquisas de laboratório ou de campo, não é menos verdadeiro que todos, sem exceção, para elaborar os diversos trabalhos solicitados, deverão empreender pesquisas bibliográficas (Andrade, 2010, p. 25).

Autores como Connell e Pearse (2015) são utilizados para contextualizar como o gênero é uma estrutura social complexa, cujas representações, ao longo do tempo, foram moldadas por estereótipos e normas heteronormativas. Além disso, a pesquisa incorpora a perspectiva de Collins e Bilge (2021), que trazem a **interseccionalidade** como ferramenta fundamental para a compreensão de como categorias como classe, gênero, raça e cultura se entrecruzam na construção das identidades.

Foram consultados materiais já publicados, como livros, revistas, artigos científicos, publicações em periódicos, jornais, monografias, dissertações, teses e fontes disponíveis na internet. O objetivo é proporcionar um contato direto com os principais estudos e produções acadêmicas sobre o assunto, possibilitando a construção do trabalho com base em referências teóricas consolidadas e relevantes para a temática.

Referencial Teórico

A literatura infantil e juvenil têm se destacado como um espaço para explorar questões sociais, culturais e identitárias, refletindo a complexidade do mundo contemporâneo. Além de entreter, essa literatura desempenha um papel essencial na transmissão de valores, construção da empatia e compreensão da diversidade. Nos últimos anos, a inclusão de personagens LGBTQIAP+ tem ampliado essas perspectivas, promovendo reflexões sobre identidade, pertencimento e respeito à diversidade sexual e de gênero. Segundo Vygotsky (2007),

[...] as experiências sociais, mediadas pela linguagem e pelas ferramentas culturais, são fundamentais para a aquisição de funções cognitivas superiores. Nesse contexto, as experiências literárias desempenham um papel crucial, pois proporcionam não apenas o desenvolvimento cognitivo, mas também emocional, através da vivência de diferentes mundos e perspectivas, permitindo às crianças ampliar sua visão de mundo e suas capacidades de compreensão da sociedade e dos outros (Vygotsky, 2007).

A leitura de histórias com personagens diversos, incluindo aqueles que representam a comunidade LGBTQIAP+, permite que crianças e adolescentes reconheçam a multiplicidade de formas de ser e viver, cultivando o respeito às diferenças. A inclusão desses personagens, de forma natural e sem preconceitos, desafia a heteronormatividade e promove uma visão mais aberta sobre sexualidade. Ao apresentar personagens gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros, a literatura juvenil possibilita que jovens se vejam representados ou conheçam realidades

muitas vezes estigmatizadas. Como afirma José Saramago (1996), “a literatura é um espelho da sociedade”, refletindo não apenas o mundo atual, mas também a construção de uma sociedade mais inclusiva e acolhedora.

A representatividade LGBTQIAP+ na literatura infantil e juvenil favorece a aceitação de diferentes identidades sexuais e de gênero entre os jovens leitores. Ao incluir essas representações, a literatura valida as experiências da comunidade e as insere como parte natural da diversidade humana. Como destacam Foucault (1988) e Butler (1990), as identidades sexuais são construídas dentro das normas sociais que definem o que é “aceitável”. Assim, a literatura desafia essas normas, oferecendo uma visão mais plural e promovendo a aceitação de diferentes formas de amor e identidade.

A importância da diversidade na literatura infantojuvenil

A diversidade na literatura infantil e juvenil vai além de etnias, classes ou gêneros, incluindo também identidades sexuais e de gênero que desafiam a normatividade heterossexual. A representação de personagens LGBTQIAP+ é essencial para ampliar o entendimento dos jovens leitores sobre a pluralidade humana. Ao integrar essas realidades nas narrativas, a literatura promove empatia e permite que os leitores se conectem com experiências diferentes, reforçando valores universais como aceitação e respeito.

De acordo com o estudo de Elizabeth Marshall (2017), a literatura infantil e juvenil que aborda questões de sexualidade e gênero “não apenas desafia as normas sociais estabelecidas, mas também permite que jovens leitores explorem as complexidades da identidade e da aceitação, criando um espaço de reflexão sobre suas próprias vidas e os outros” (Marshall, 2017, p. 94). Essa afirmação destaca como a literatura, ao tratar

de identidades LGBTQIAP+, não apenas oferece um reflexo da diversidade de vivências, mas também atua como um espelho de autoexploração para os leitores. Além disso, a pesquisadora Judith Butler (1990, p. 23) argumenta que a

[...] representação de diferentes sexualidades e identidades de gênero na literatura pode ser uma forma de resistência à heteronormatividade, permitindo que os leitores compreendam que as identidades são fluídas e não fixas, um processo que, ao ser reconhecido, amplia o entendimento da diversidade humana.

A partir dessa perspectiva, a literatura infantojuvenil se torna um campo de ação política, onde o reconhecimento das diversas formas de ser e de amar podem contribuir para a desconstrução das normas que limitam a aceitação e a expressão da identidade. A inclusão de personagens LGBTQIAP+ também é uma forma de desmistificar as experiências dos jovens leitores, permitindo que vejam refletidas em personagens da ficção as possibilidades de viver uma vida plena, sem medo de serem quem são. Como destacado por Rudine Sims Bishop,

[...] os livros são janelas para o mundo, proporcionando aos leitores uma visão de vidas diferentes das suas. Quando essas representações incluem a diversidade sexual, elas se tornam espelhos para aqueles que não se veem representados de outra forma (Bishop, 1990, p. 15).

Bishop coloca em evidência como a literatura pode ser uma ferramenta poderosa de inclusão, permitindo que os leitores, especialmente os jovens LGBTQIAP+, se sintam validados e compreendidos em suas próprias experiências. Foucault (1988) afirma que a sexualidade é moldada por práticas e discursos inseridos em relações de poder e normas sociais. Segundo ele, “a sexualidade é

um conjunto de práticas e discursos moldados por um complexo jogo de forças” (Foucault, 1988, p. 38). A inclusão de personagens gays na literatura infantojuvenil contesta essas normas, oferecendo uma visão mais plural e libertadora da sexualidade. Assim, a literatura valida as experiências de leitores LGBTQIAP+ e contribui para formar valores mais empáticos e inclusivos na sociedade.

Histórico da representação de homens gays na literatura infantojuvenil

A representação de personagens gays na literatura infantil e juvenil tem evoluído ao longo do tempo, refletindo mudanças sociais e culturais, assim como lutas políticas e identitárias. No século XX, a literatura infantojuvenil foi marcada pela ausência ou marginalização de personagens gays, refletindo uma sociedade heteronormativa. Quando presentes, eram frequentemente estigmatizados e retratados por estereótipos negativos, como o “homem afeminado” ou o “desajustado social”, reforçando normas rígidas de gênero e sexualidade e perpetuando o preconceito.

Nos primeiros anos do século XX, a literatura infantojuvenil era fortemente influenciada por normas morais e religiosas, resultando na exclusão da homossexualidade. Até a década de 1960, com os movimentos pelos direitos civis e a revolução sexual, a homossexualidade era vista como um desvio ou patologia. Nesse período, a literatura infantojuvenil raramente abordava a diversidade sexual de forma explícita, e, quando o fazia, retratava personagens gays como marginais ou figuras trágicas. O silêncio sobre a homossexualidade refletia o tabu social, e as primeiras representações surgiram de maneira velada. Obras como *Annie on My Mind*, escrito por Nancy Garden, publicado em 1982, mas finalizado na década de 1970,

e *O caso da borboleta Atiria* (1973), de Lúcia Machado de Almeida, são exemplos iniciais na literatura infantojuvenil brasileira que abordam a temática de forma indireta ou simbólica, revelando as dificuldades de se tratar abertamente da diversidade sexual em um contexto ainda marcado por forte normatividade. Essas obras abriram caminho para representações mais explícitas e sensíveis nas décadas seguintes, à medida que o debate sobre gênero e sexualidade foi ganhando espaço na sociedade e na educação. Como afirma Marshall (2017),

[...] durante grande parte do século XX, os livros infantis e juvenis raramente abordavam temas de sexualidade ou identidade de gênero, e quando o faziam, frequentemente o faziam de maneira distorcida ou como uma advertência, refletindo a homofobia dominante na sociedade da época. A ausência de representações positivas ou abertas de personagens LGBTQ+ reflete a marginalização e a invisibilidade dessas identidades em uma cultura profundamente heteronormativa (Marshall, 2017, p. 83).

Esse silêncio ou tratamento velado da homossexualidade nas narrativas reflete a estrutura social mais ampla que, até as últimas décadas, mantinha a homossexualidade à margem da discussão pública e literária. Foi somente nas décadas de 1980 e 1990 que a literatura infantojuvenil começou a incorporar personagens gays de forma mais explícita. Nesse período, surgem obras como *Avery* (1980), de Frané Lessac, que ainda de forma sutil, representa a diferença e a aceitação no universo infantil. No Brasil, destaca-se *O rapaz do metrô* (1991), de Walcyr Carrasco, uma narrativa juvenil que aborda o afeto entre dois rapazes com delicadeza, ainda que envolta por uma linguagem indireta. Também merece menção *O diário de Didi* (1992), de Sandra Pina, que traz reflexões sobre identidade e pertencimento em meio à descoberta

da sexualidade. Essas produções marcaram um avanço na representação da diversidade sexual, oferecendo ao público jovem referências mais próximas da realidade de muitos leitores, embora ainda fossem tratados como figuras marginalizadas. A homossexualidade, quando mencionada, muitas vezes aparecia como algo a ser superado, tratado com conotação negativa ou como um tema chocante para gerar impacto nas narrativas. Como observa Marshall (2017),

[...] nos anos 80 e 90, a representação de personagens LGBTQ+ ainda era limitada e frequentemente se vinculava a estigmas, especialmente para os jovens leitores, que viam essas identidades como algo à margem da experiência humana cotidiana (Marshall, 2017, p. 104).

Esse período foi caracterizado pela luta contra a homofobia, mas ainda predominava um forte conservadorismo, o que dificultava a aceitação plena da homossexualidade nas narrativas infantojuvenis. O final do século XX e o início do XXI marcaram um ponto de inflexão na representação de personagens gays na literatura infantojuvenil. Movimentos sociais, como o movimento LGBTQIAP+ e as discussões sobre diversidade sexual, influenciaram a produção literária, exigindo maior visibilidade para todas as formas de sexualidade. A literatura passou a refletir de forma mais autêntica e complexa as experiências de jovens gays, criando personagens multifacetados, cujas narrativas iam além da identidade sexual e mostravam situações cotidianas e emocionais.

Nas últimas duas décadas, a literatura infantojuvenil tem experimentado uma revolução na representação LGBTQIAP+, Autores e editoras têm se empenhado em incluir personagens gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros de maneira natural e integrada nas tramas. Obras como *Aristóteles e Dante Descobrem os Segredos do Universo*, de

Benjamin Alire Sáenz; *Simon vs. a Agenda Homo Sapiens*, de Becky Albertalli; *Arlindo*, de Ilustralu, são exemplos notáveis de como a literatura aborda questões de identidade sexual com sensibilidade, oferecendo personagens gays complexos com experiências e desafios próprios.

Como afirma Bishop (1990), “a literatura infantil deve ser reflexo da diversidade da sociedade, permitindo que os leitores se vejam representados de maneira positiva, sem os filtros das normas tradicionais” (Bishop, 1990, p. 58). Ao incluir diversidade sexual e de gênero, a literatura infantojuvenil desempenha uma função educativa crucial, preparando os jovens para um mundo mais inclusivo e respeitoso. A história da representação de homens gays na literatura infantojuvenil reflete uma transformação gradual, passando de personagens marginalizados para representações mais profundas e humanas, o que contribui para a aceitação e compreensão da diversidade sexual.

Estereótipos e inovações na construção de personagens gays masculinos

Apesar dos avanços na inclusão de personagens gays na literatura infantojuvenil, ainda há desafios na construção desses personagens de maneira autêntica, sem recorrer a estereótipos. Em muitas obras contemporâneas, como *Me Chame Pelo Seu Nome* de André Aciman e *Vermelho, Branco e Sangue Azul* de Casey McQuiston, os personagens gays ainda são representados de forma unidimensional, como objetos de desejo ou figuras trágicas, com suas vidas centradas apenas em sua sexualidade, sem profundidade emocional. Isso limita a identificação dos leitores com os personagens. Em *Me Chame Pelo Seu Nome*, por exemplo, a narrativa foca intensamente no desejo e na dor da perda, sem aprofundar outros aspectos da vida dos protagonistas.

Já em *O Segredo de Brokeback Mountain*, de Annie Proulx, a história reforça a figura do “homem sombrio e melancólico”, cuja identidade gay é marcada pelo sofrimento e repressão. Os estereótipos persistem, como o “homem afeminado”, frequentemente visto em séries como *Modern Family*, com o personagem Cameron, e o “homem sombrio e melancólico”, presente em obras como *O Segredo de Brokeback Mountain*, reforçando a ideia de que a identidade gay é marginalizada ou incompatível com os modelos tradicionais de masculinidade. Collins e Bilge (2021) apontam que

[...] os estereótipos não são apenas uma forma de discriminação, mas funcionam como mecanismos que reforçam e legitimam as desigualdades estruturais, limitando as possibilidades de agência e reconhecimento de grupos marginalizados (Collins & Bilge, 2021, p. 15).

A perpetuação desses estereótipos na literatura contribui para uma visão simplista e excludente das identidades gays, negando aos personagens a oportunidade de serem retratados de maneira plena e multifacetada. Eles se tornam caricaturas, figuras que existem apenas para representar uma faceta de sua identidade, sem mostrar as complexidades que fazem de cada indivíduo uma pessoa única. Nesse contexto, a literatura infantil e juvenil perde a oportunidade de ser um meio de formação, reflexão e crescimento para os jovens leitores, que poderiam ser convidados a explorar as nuances da identidade sexual e de gênero com mais empatia e compreensão. Esses personagens são definidos por suas histórias e trajetórias, não apenas pela sua sexualidade, permitindo uma representação mais autêntica e fiel à diversidade da experiência humana. Como observa Marshall (2017),

[...] o avanço na representação de personagens LGBTQ+ na literatura infantil e juvenil não se dá apenas pela presença desses

personagens, mas pela profundidade com que são exploradas suas experiências e vivências, permitindo que a sexualidade seja apenas um dos aspectos da sua identidade, e não o fator definidor (Marshall, 2017, p. 89).

Ao fazer isso, essas obras não apenas criam personagens mais ricos e interessantes, mas também ajudam a normalizar a diversidade sexual e de gênero, oferecendo aos leitores modelos positivos e realistas de como viver a sexualidade de maneira autêntica e liberta. Apesar dos avanços, a literatura infantojuvenil ainda enfrenta desafios, tanto sociais quanto editoriais, na inclusão autêntica de personagens gays. Há uma constante preocupação com a aceitação do público e uma pressão para manter a literatura dentro de moldes “seguros” e “tradicionais”, e a inclusão de personagens gays é vista como uma ameaça às normas estabelecidas, especialmente onde a heteronormatividade predomina.

Contudo, a crescente demanda por representações mais inclusivas aponta para um movimento em direção a uma literatura que valoriza a autenticidade na construção de personagens gays. Essa evolução na literatura infantojuvenil, portanto, não só reflete um avanço no reconhecimento da diversidade sexual, mas também é essencial para a construção de uma sociedade mais empática, inclusiva e capaz de valorizar todas as formas de identidade e expressão.

Análise da obra *Arlindo*, de Ilustralu

Arlindo, de Ilustralu, é uma obra sensível que aborda temas como autodescoberta, aceitação e pertencimento. Ambientado no nordeste brasileiro, o livro segue *Arlindo*,

um adolescente de uma cidade pequena, enfrentando os desafios típicos da adolescência enquanto explora sua sexualidade e identidade. A narrativa acompanha Arlindo em sua vida cotidiana, lidando com amizades, expectativas familiares e os primeiros sentimentos de amor, ao mesmo tempo que reflete a influência da cultura local, como o forró, o sotaque nordestino e as festas juninas.

O livro também retrata as relações familiares e de amizade de forma significativa. A família de Arlindo, embora distante no início, evolui ao longo da história. As amizades, especialmente com sua melhor amiga, são essenciais e destacam a importância das redes de apoio na autodescoberta. A narrativa visual reforça o impacto emocional do texto por meio do uso expressivo das cores, dos enquadramentos e das expressões faciais dos personagens. Por exemplo, em momentos de maior angústia de Arlindo, os tons frios e escuros dominam a cena, criando uma atmosfera de solidão. Já nas passagens em que ele está com os amigos ou vivencia descobertas positivas, há uma explosão de cores quentes, como laranja e rosa, que simbolizam acolhimento e alegria.

Além disso, a forma como os quadros são organizados – às vezes fragmentados, às vezes abertos – acompanha o estado emocional do protagonista, guiando o leitor por suas sensações. Essa é uma obra que transcende o formato tradicional de histórias gráficas, oferecendo um relato autêntico sobre adolescência, identidade e aceitação. Ao situar a história no contexto cultural do Brasil e ao dar destaque à diversidade, *Ilustralu* entrega uma narrativa que é, simultaneamente, íntima e universal.

Representação do protagonista gay masculino em Arlindo

A representação do homem gay na literatura evoluiu ao longo do tempo, refletindo

mudanças sociais e culturais. Durante séculos, esses personagens eram estereotipados ou marginalizados, frequentemente em papéis secundários ou trágicos. Com o avanço das discussões sobre diversidade no final do século XX, a literatura passou a tratar a vivência do homem gay de maneira mais complexa, explorando suas identidades e experiências sem reduzi-los a estigmas. Michel Foucault afirma:

[...] para compreender de que maneira o indivíduo moderno podia fazer a experiência dele mesmo enquanto sujeito de uma “sexualidade”, seria indispensável distinguir previamente a maneira pela qual, durante séculos, o homem ocidental fora levado a se reconhecer como sujeito de desejo (Foucault, 1988, p. 11).

O personagem Arlindo, protagonista de *Ilustralu*, é um exemplo de representação positiva e humanizada de um jovem gay na literatura brasileira contemporânea. Sua construção é sutil e profunda, refletida em pequenos gestos, olhares e silêncios que revelam suas emoções mais íntimas, mesmo quando não verbalizadas. Por exemplo, a autora usa expressões faciais delicadas nos quadrinhos para mostrar o desconforto de Arlindo diante de comentários homofóbicos ou seu encantamento silencioso ao observar o colega por quem está apaixonado. Em vez de declarações explícitas, o processo de autodescoberta é apresentado de forma gradual, respeitando o tempo do personagem. A profundidade se evidencia quando ele entra em conflito interno ao tentar corresponder às expectativas da família enquanto enfrenta o medo do julgamento social. Como afirma Costa (2023), “a jornada de Arlindo mostra como a descoberta da identidade está ligada às experiências cotidianas”.

Segundo Sedgwick (1990), ao evitar clichês e estereótipos comumente associados a personagens gays, a obra contribui para

uma representação mais autêntica da diversidade humana, uma vez que a presença de personagens LGBT na literatura possibilita uma compreensão mais profunda da experiência humana. Arlindo é retratado como um jovem que nutre uma paixão por música pop, especialmente pela cantora Sandy, além de sonhar em ser artista e encontrar um lugar onde possa se sentir aceito. Suas inseguranças manifestam-se no medo da rejeição por parte da família e na ansiedade em relação à aceitação na escola. Sua identidade gay é integrada à narrativa de forma natural, sem ser o único aspecto de sua personalidade. Essa abordagem contribui para normalizar a representação de jovens LGBTQIAP+, desconstruindo preconceitos e promovendo empatia.

A sensibilidade com que a sexualidade de Arlindo é abordada reflete a habilidade de Ilustralu em construir uma narrativa inclusiva e acessível. O livro apresenta momentos de descoberta e aceitação de forma sutil, como na cena em que Arlindo, com hesitação e coragem, revela para a amiga Mari que gosta de garotos, dizendo: “Eu acho que sei como você se sente, porque eu acho que sou assim que nem você” (Ilustralu, 2021, p. 130). Esse momento, marcado por silêncio e olhares entre os personagens, é intensificado pelas ilustrações que, com cores suaves e composições intimistas, transmitem a vulnerabilidade e o crescimento do personagem. Foucault (1988) destaca que, ao contar histórias que se afastam das normas estabelecidas, mantemos viva a memória da resistência e evidenciamos a diversidade das experiências humanas.

A obra também aborda o medo de rejeição que Arlindo enfrenta, especialmente em momentos como aquele em que ele evita contar à mãe sobre sua orientação sexual após ouvir comentários homofóbicos no ambiente familiar (Ilustralu, 2021, p. 143). Esse receio reflete uma realidade vivida por muitos jovens LGBTQIAP+ no Brasil, onde

a discriminação ainda é presente em diversos contextos sociais e domésticos. Apesar disso, a narrativa mantém um tom otimista, ao destacar laços afetivos positivos, como o apoio incondicional da amiga Mari, que o acolhe sem julgamento após sua revelação, e, mais adiante, os gestos de aceitação da mãe, que demonstram um movimento de aproximação e compreensão. A história evita reduzir Arlindo a um rótulo, permitindo que ele floresça como um personagem tridimensional: além de sua sexualidade, ele é um jovem sensível, apaixonado por música pop — especialmente por Sandy — criativo, com o sonho de se expressar artisticamente e em busca de pertencimento em um mundo que muitas vezes o invisibiliza. O livro celebra sua coragem e autenticidade ao abraçar quem é, mas sem perder de vista as demais camadas que o compõem como indivíduo.

Considerações Finais

A representação positiva de personagens gays masculinos, como Arlindo, tem um impacto significativo, tanto para leitores gays quanto para aqueles que buscam compreender melhor a diversidade humana. Com seu protagonista sensível e multifacetado, a obra promove empatia e inclusão, desafiando estereótipos e preconceitos. Para jovens leitores gays, Arlindo oferece um espelho onde podem reconhecer partes de si mesmos. Sua sexualidade, integrada de forma natural à narrativa, contribui para a formação de identidade e autoestima, validando suas experiências. Personagens bem desenvolvidos ajudam a mostrar que suas vivências são legítimas e merecem ser narradas.

Além disso, a obra fortalece a autoconhecimento e o enfrentamento de dilemas como o medo da rejeição e o desejo de aceitação. A jornada de Arlindo inspira os leitores a abraçarem suas identidades e superarem

desafios. A obra promove a aceitação e a inclusão, incentivando uma nova geração de leitores a respeitar as diferenças e apoiar representações mais complexas de personagens LGBTQIAP+. Arlindo também contribui para dar visibilidade a histórias antes silenciadas. A literatura infantojuvenil tem o poder

de moldar percepções, e a normalização de personagens gays ajuda a criar um ambiente cultural mais inclusivo. Com sua narrativa honesta e empática, Arlindo reafirma o papel transformador da literatura ao promover respeito à diversidade e incentivar a construção de um mundo mais justo e inclusivo.

NOTAS

¹LGBTQIAP+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Transgêneros/Travestis, Queer, Intersexual, Assexual, Pansexual)

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico**: elaboração de trabalhos na graduação. São Paulo, SP: Atlas, 2010.
- BISHOP, R. S. **Livre dentro de nós mesmos**: o desenvolvimento da literatura infantil afro-americana. Nova York: Oxford University Press, 1990.
- BRIGHENTI, A. **A construção da heteronormatividade**: A literatura como ferramenta de resistência. 1. ed. São Paulo: Editora XYZ, 2019.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.
- CHARTIER, R. **A história cultural**: Entre práticas e representações. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.
- COLLINS, P. H.; BILGE, S. **Interseccionalidade**. Cambridge: Polity Press, 2021.
- CONNELL, R. W.; PEARSE, R. **Gênero: Em perspectiva mundial**. 2. ed. Cambridge: Polity Press, 2015.
- FOUCAULT, M. **A história da sexualidade**: A vontade de saber. 1. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- ILUSTRALU. **Arlindo**. São Paulo: Editora ABC, 2020.
- MARSHALL, E. **Lendo o queer**: a representação LGBT na literatura infantil. Nova York: Routledge, 2017.
- NIKOLAJEEVA, M. **A Retórica da Literatura Infantil**. 1. ed. Oxford: Garland Publishing, 2010.
- SARAMAGO, J. **Cadernos de Lanzarote**. Rio de Janeiro: Cia. das Letras, 1996.
- SEDGWICK, E. K. **Epistemologia do Armário**. Berkeley: University of California Press, 1990.
- SILVA, R. F. Representatividade e afetividade em narrativas LGBTQIA+: o caso de “Arlindo”. **Estudos de Literatura Contemporânea**, v. 28, n. 2, p.123-138, 2023.
- VYGOTSKY, L. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.